

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

5-1-1978

1978 Vol. 17: Para Ser Testemunhas, Primeiro Viver

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1978). 1978 Vol. 17: Para Ser Testemunhas, Primeiro Viver. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/17>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

para ser testemunhas, PRIMEIRO VIVER

CONGREGAZIONE DELLO SPIRITO SANTO - CLIVO DI CINNA, 195 - 00136 ROMA

Antes da nossa dispersão para a visita a Províncias e Distritos, fizemos juntos, em Equipa Generalícia, o nosso retiro anual em Assis. Era em princípios de Novembro último. Partilhámos mutuamente o nosso desvelo pela animação da Congregação, e em breve surgiu a unanimidade. Quatro orientações se impunham:

a RENOVAÇÃO ESPIRITUAL (e muito particularmente a oração),

a VIDA DE COMUNIDADE,

a LIGAÇÃO COM A CONGREGAÇÃO

e as VOCAÇÕES. Parecia-nos que respondíamos assim a um tríplice apelo:

U M A P E L O D E D E U S :

Neste nosso período de transição, a palavra-chave dos Institutos é a de "renovamento", renovamento menos centralizado na acção e "nos caminhos da Missão" do que na vida dos missionários e no testemunho que eles devem viver em profundidade. Isto, aliás, caracteriza a maior parte das congregações religiosas e não apenas os Espiritanos. Quando antes, o costume dos capítulos era reflectir em primeiro lugar sobre o tema da Missão, o recente capítulo da Serra Leoa, e o caso não é único, pôs em lugar número um das suas preocupações o renovamento espiritual. Isto é bem um sinal, entre muitos outros, de evolução.

Como não ver nesta insistência nova, para além das iniciativas humanas, um discreto convite do Senhor e do seu Espírito sempre em acção ? Não é este sempre o modo de agir de Deus ao longo da história do seu povo ? É na fé que devemos ler estas linhas, estas "visitas" de Deus, mesmo que seja só a balbuciá-las.

U M A P E L O D A I G R E J A

A importante Carta Apostólica "Evangelii Nuntiandi", resumindo a reflexão dos Bispos no Sínodo de 1974, confirma esta interpretação: hoje crê-se mais no testemunho de vida do que nas palavras. "Acima de tudo o Evangelho deve ser proclamado pelo testemunho" (nº 21). "Importa insistir em primeiro lugar no seguinte: para a Igreja o primeiro meio de evangelização é o testemunho de uma vida cristã autêntica". (nº 41)

U M A P E L O D O S C O N F R A D E S

Os superiores principais da África francófona propuseram-se como tema para o próximo ano "o testemunho da nossa vida religiosa e comunitária". Julgam assim responder à tomada de consciência de numerosos confrades de serem, ou terem sido, demasiado orientados para a acção. Dizia-se com tanta facilidade que a acção era oração! E o êxito apostólico pode ter-nos afastado um pouco do verdadeiro Artífice destes sucessos.

Neste período de evolução da Missão, evolução que está longe de ter terminado, o renovamento da vida interior é indispensável. Nos caminhos da Missão, a vida do missionário não deverá ser cada vez mais a da mobilidade de Abraão? a da humildade de João Baptista? a de uma "diáspora" mais dispersa que a de hoje? a de uma escuta mais fraterna dos nossos confrades?

Este último aspecto, a nossa preocupação perante as laicizações, queremos partilhá-lo convosco. Custa suportá-lo. Sem dúvida que o seu número não é maior entre nós do que noutros Institutos. No entanto, é muito elevado. Não seremos TODOS NÓS responsáveis pelos nossos confrades? O renovamento interior de cada um evitaria muitas deserções, muitas decisões de lamentar, e também muitos juízos bem pouco fraternos.

Esta atenção a que primeiro devemos viver, a que primeiro devemos dar testemunho, é todo o objecto das nossas quatro preocupações: renovarmo-nos espiritualmente, viver em comunidade, reforçar os nossos vínculos com o conjunto da Congregação, e preocupar-nos com todos os jovens que nos interrogam.

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

"Todos, num só coração, eram assíduos à oração" (Actos, 1, 14). Orar, e orar em comum, era considerado como coisa importante na comunidade primitiva. Quando os Apóstolos tomaram consciência de estarem absorvidos pelo "serviços das mesas", insistiram na sua função primordial: "Nós permaneceremos assíduos na oração e na palavra" (Act. 6, 4). Por sua vez o Senhor recomendava aos seus discípulos "que rezassem sem cessar" (Luc., 18, 1)

"QUANDO DOIS OU TRÊS..."

Parece-nos que I/D nº 16 tratou suficientemente da oração. Parece-nos, todavia, importante insistir aqui no seu aspecto COMUNITÁRIO.

Um Provincial que um dia passava numa casa espiritana de um Distrito que não o seu, e de um outro grupo linguístico, ficou muito impressionado: *"Esta é uma comunidade que reza. Para mim, após ter passado por outras comunidades em que parecia não se rezar grande coisa, isto foi como que uma aragem de frescura"*.

Rezar assim, em comunidade, é um amparo recíproco; e todos nós precisamos deste amparo. É também um argumento de fé para a comunidade cristã e um apelo aos que não pertencem a esta comunidade.

UMA ORAÇÃO EXIGENTE

Em especial nos Distritos, verificamos com alegria que a comunidade de oração tende a alargar-se a todos os que fazem connosco trabalho de evangelização: religiosos e religiosas, e por vezes também leigos responsáveis ou simples fiéis. Esta participação ampliada dá testemunho de uma comunidade que reza. Obriga mesmo, com frequência, a prestar maior atenção à qualidade da oração, à sua preparação, e ao quadro em que ele se desenvolve. É particularmente sensível nos meios muçulmanos, e a nossa presença nestas terras pede-nos que lhe estejamos atentos de um modo especial.

É INDISPENSÁVEL A ORAÇÃO PESSOAL

Este renovamento da oração comunitária é inseparável do renovamento da oração pessoal. A oração comunitária, por mais bela que seja, não é mais que culto exterior, se não for a expressão de uma autêntica vida de oração pessoal, quer se esteja só, quer se esteja com os outros.

VIDA COMUNITÁRIA

"A multidão dos crentes não tinha senão um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, e tudo entre eles era comum" (Actos, 4, 32)

Este testemunho dado pela comunidade primitiva, ainda que incluía uma certa dose de idealismo, interroga fortemente a nossa vida apostólica de todos os dias. Que testemunho damos, numa África ou numa América Latina, em que está tão desenvolvido o sentido da comunidade, em que as orientações pastorais insistem tanto nas comunidades?

EXCESSIVO O NÚMERO DE ESPIRITANOS ISOLADOS

Reconheçamo-lo: é demasiado grande o número de Espiritanos que vivem isolados. As necessidades pastorais, a penúria de pessoal, o facto de com frequência nos considerarem como "os filhos da casa" chamados a tudo fazer, tudo isto conduziu a esta grande dispersão.

Muitos confrades aceitaram viver sozinhos porque lhes pediram que assegurassem tal ministério, tomassem tal missão, tal paróquia. Foi por generosidade, por obediência que aceitaram. Como não sentir simpatia, ou pena, por esta reflexão de um padre sozinho na sua missão: "Vivo sozinho desde há quinze anos. A princípio tinham-me pedido que tomasse sozinho conta desta missão por um ano; e isto continuou assim! Sempre pedira para viver em comunidade; agora é tarde de mais; já não posso".

Não temos o direito de empurrar tais confrades. Mas, por seu lado, não deveriam eles prosseguir os seus esforços para pertencerem a uma comunidade, seja ela local, seja regional? O ritmo das reuniões pode ser diverso; mas que sentido têm elas, se forem muito raras? A "ágape fraterna" é importante e simpática, mas que sentido tem se não se abrir à partilha da vida apostólica?

U M L I M I A R C R Í T I C O

Os superiores principais da África francófona, reunidos em Fevereiro último, mostraram-se inquietos com a excessiva dispersão. Corremos o risco de alcançar em breve um limiar crítico. Com a dispersão todos perdemos: perde a Congregação, perdem os confrades, perdem as dioceses ou comunidades em que trabalhamos. Como é que um confrade isolado, pelo facto mesmo de lhe faltar o testemunho dado por uma comunidade apostólica, poderá sozinho formar responsáveis ou criar comunidades cristãs?

Frequentemente se sacrificaram pessoas às necessidades pastorais. Numa certa época e numa certa visão da evangelização, isto podia parecer legítimo. Pode compreender-se, ainda agora, a solicitude dos bispos de não "abandonar uma missão", de desejar nela a "presença permanente de um padre". Mas nós temos também o dever de, em diálogo com eles, lhes apresentar as exigências da vida religiosa e comunitária espiritana e a importância deste testemunho para o nosso ministério ao seu serviço.

A norma espiritana nas missões deveria ser a pequena comunidade, antes de três do que de dois; é que, sendo três, a relação interpessoal fica mais equilibrada, o intercâmbio mais rico, e menor o perigo das tensões. As congregações que actualmente se integram nos novos países são muito firmes neste ponto. Decididamente, a pastoral assim renovada permite assegurar o ministério em sectores mais vastos e com uma outra eficácia.

D I V E R S A S M O D A L I D A D E S

O Capítulo Geral de 1974 admitiu uma grande diversidade de comunidades: pode a vida comunitária viver-se com o clero local, ou com membros de outros Institutos. Qualquer comunidade autêntica tem um real valor de testemunho. Tais comunidades, inclusive comunidades com leigos, e sobretudo leigos responsáveis, formadas de acordo com o superior espiritano do Distrito ou da Província, são ocasião de viver, no interesse de todos, carismas particulares, e mais ainda ocasião de dar testemunho no próprio coração da região em que trabalhamos.

O P. ARRUIPE, Superior Geral dos Jesuitas, ainda recentemente declarava no mesmo sentido: "A vida de comunidade continuará a ser, no futuro, o sinal distintivo da vida religiosa, mesmo que esta se exprima diversamente segundo os Institutos. Realizar-se-á de um modo mais profundo e apostólico, em relações mais interpessoais de oração, de deliberação apostólica, com a convicção de que este género de vida não conduzirá à introversão, mas sim à promoção da vida espiritual e activa segundo o espírito do Instituto".

A vida comunitária será mais aberta, perdendo em parte o seu aspecto reservado e de muitos desconhecido. Por conseguinte, o contacto apostólico exigirá uma maior abertura, e esta exigirá, por sua vez, um género de vida que seja verdadeiramente um testemunho. Este mesmo contacto com as almas obrigará a mudar o modo de vida de uma grande comunidade, que, se for fechada, se torna uma instituição isolada. A comunidade deverá ser reduzida, para se tornar fermento do povo de Deus pela sua comunidade de vida e pela sua participação na vida real.

Novas formas de vida autenticamente comunitária deverão ser encaradas, tomando como critério uma grande docilidade de adaptação, o que permitirá um frutuoso pluralismo, mesmo no interior do Instituto".

VÍNCULOS COM A CONGREGAÇÃO

À P R O V A

Nestes últimos anos os vínculos entre os confrades espiritanos têm sido postos à prova: As "nossas" missões tornaram-se Igrejas locais. É sobre elas que pesa agora a responsabilidade da evangelização; são elas que formulam o seu projecto pastoral; são elas que se esforçam por incarnar o Evangelho na sua própria cultura. O nosso lugar e a nossa função mudaram: estamos ao serviço destas Igrejas, chamados a tarefas determinadas, segundo as orientações que elas definem. O acento foi de tal modo posto sobre estes diferentes pontos que, por vezes a nossa presença é até contestada. Ao contrário, alguns dos nossos confrades nunca viram senão a Igreja local. A insistência sobre a "incarnação" levava-os a pender sempre para a Igreja local. Numa atitude extremista, alguns julgavam mesmo que o tempo dos institutos missionários terminara.

U M S O P R O U N I V E R S A L

Uma tal evolução trazia consigo um grande risco: o de ver as novas Igrejas, e com elas os missionários, fechar-se em limites estreitos e desconjuntarem-se os vínculos com a Congregação. Não aconteceu assim felizmente. À luz do Vaticano II e dos Sínodos, as Igrejas locais tomaram consciência da sua corresponsabilidade na obra das Missões e da necessária abertura à Igreja universal. "Evangelii Nuntiandi" dá disso testemunho, e, mais recentemente, também a insistência de Paulo VI, a quando do Domingo das Missões, em Outubro de 1977, sobre "o espírito do universal" indispensável a todo o missionário.

N O V A S R E L A Ç Õ E S

É este sopro universal que caracteriza o renovamento da Congregação e estreita os laços entre todos os confrades. O Capítulo Geral de 1974 - no mesmo ano do Sínodo sobre a evangelização - decorreu nitidamente sob o signo da internacionalidade. Solidariedade e corresponsabilidade foram os grandes temas do Conselho Geral Ampliado de 1976. Em Agosto de 1977 reuniram-se os jovens espiritanos das Províncias e Distritos, e em Dezembro os responsáveis pela formação estpiritana, ao mesmo tempo que partiam para o Paquistão e Angola as primeiras equipas internacionais. No Conselho Ampliado de 1978, a reflexão sobre as situações missionárias prioritárias deverá conduzir mais longe, ultrapassando ainda outras fronteiras, na solidariedade e repartição do pessoal. Há um bom número de confrades, sempre crescente, que se interessa por Liberman e pela sua intuição original. Ao mesmo tempo redetermina-se a nossa identidade espiritana, reformula-se o nosso projecto comum, e a nossa vocação na Igreja universaliza-se.

Esta abertura de toda a Congregação é um contributo ao universal na Igreja; mas é, antes de tudo, PELOS SEUS LAÇOS COM TODA A FAMÍLIA ESPIRITANA que cada um de nós participa realmente nessa universalidade.

C O N G R E G A Ç Ã O E I G R E J A S L O C A I S

Neste plano a Congregação, como instituto missionário e religioso, dá às Igrejas locais uma ajuda muito particular. Não pode cada qual fechar-se dentro de qualquer Igreja local. Isso seria separar-nos de uma vocação mais vasta, a própria vocação que a Igreja universal nos confiou, de sermos, a título especial, testemunhas da sua universalidade. Se não levássemos às Igrejas locais esta dimensão seríamos uma decepção para elas. Nós temos a sorte de estar presentes em tantas Igrejas diversas. A permuta entre Igrejas, que é uma característica da Missão de hoje, deve ser apreendida pelas Igrejas locais como expressão do que elas próprias devem viver, pois a Missão não é um envio em sentido único.

Isto não simplifica a nossa tarefa. Se formos fiéis aos nossos compromissos viveremos necessariamente uma tensão: temos, ao mesmo tempo, de nos dar em profundidade a uma Igreja determinada e estar atentos aos apelos que venham de outras partes e às necessidades mais urgentes que pedem a solidariedade de todos. Os laços sempre mais fortes com o conjunto da família espiritana ajudar-nos-ão a encontrar o equilíbrio entre estas duas exigências que só são contraditórias na aparência.

VOCAÇÕES ESPIRITANAS

IMPORTÂNCIA DO CLERO LOCAL...

Houve um tempo em que o esforço missionário no domínio das vocações estava centralizado na constituição de um clero local secular o mais numeroso possível. Este esforço era indispensável para que as Igrejas locais pudessem surgir. As vocações continuam a ser uma prioridade. Por esta mesma razão, os institutos missionários não eram nada favoráveis ao recrutamento de vocações para eles próprios nos territórios que lhes estavam confiados. Os poucos espiritanos entrados na Congregação deviam por sua vez receber uma formação pouco adaptada, e o seu pequeno número marginalizava-os

Com o aparecimento das Igrejas locais, houve bispos que mantiveram a mesma política: mostravam-se reticentes, mesmo opostos a que seminaristas africanos fossem admitidos em congregações de origem europeia, e isto por motivos muitas vezes compreensíveis.

...E DA VOCAÇÃO RELIGIOSA MISSIONÁRIA

A situação evoluiu muito, praticamente por toda a parte. As vocações multiplicam-se nas Igrejas do Terceiro-Mundo, e a participação destas Igrejas na Missão universal cresce de dia para dia. Agora os bispos regozijam-se por ver surgir vocações religiosas e missionárias.

Temos o dever de, em colaboração com estes bispos, suscitar no seio destas Igrejas locais, vocações religiosas e missionárias. Elas serão, por vezes longe do seu povo de origem, por vezes no próprio coração da sua Igreja local, as testemunhas da Missão universal. Estes missionários, se forem espiritanos, devem poder viver o carisma da Congregação segundo a sua própria cultura.. Seria mesmo necessário que fossem suficientemente numerosos para chegarem a descobrir uma via original, como espiritanos.

Por sua vez, a Congregação deverá manifestar claramente maleabilidade e abertura para aceitar a sua própria modificação com a vinda e presença de espiritanos de outras culturas. Deverá igualmente aceitar, antes, ser na realidade uma congregação universal na Igreja universal, muito além das actuais fronteiras.

Para já, foram criadas novas Províncias (Nigéria e Angola), Fundações por vezes supra-territoriais (Brasil, África de Leste, África francófona); outras estão projectadas.

É CRISTO QUE CHAMA, MAS...

Na origem de qualquer vocação está sempre CRISTO. É Ele que atrai e chama. Mas os jovens que procuram, que têm necessidade de lugares de oração e de partilha, encontrarão esses lugares entre nós?

Se as nossas comunidades de oração e de vida forem verdadeiros testemunhos, se o nosso sentido espiritano do universal e do acolhimento forem verdadeiros testemunhos, então sim, a nossa esperança será imensa.

"Vinde e vede. E eles foram e viram onde Ele vivia e ficaram com Ele todo aquele dia" (João, 1, 39).

Responsáveis pela publicação : PP. Jean GODARD e Amadeu MARTINS

Service d'Information C.S.Sp.

Clivo di Cinna, 195 - 00136 ROMA (Itália)

